

Ecclesia

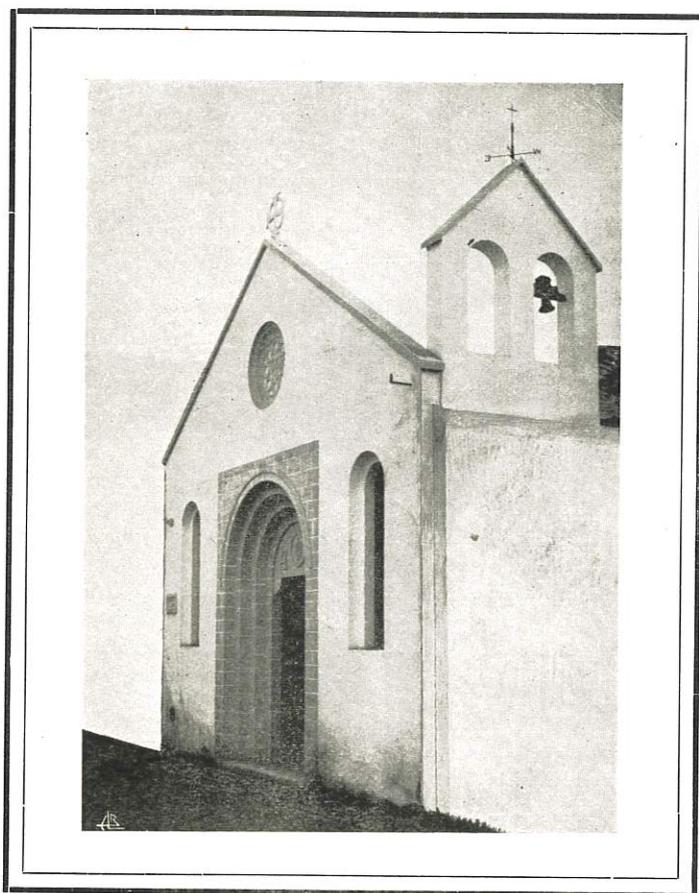


Setembro de 1954

Ano 6.º

N.º 29

“Ecclesia” apresenta a
IGREJA DE S. MATEUS
EM
VILA FRANCA DE XIRA
RUA DE ALMEIDA GARRETT



CONGREGAÇÃO INGRESSADA NA IGREJA LUSITANA
EM 9 DE JUNHO DE 1951
TEMPLO DEDICADO EM 23 DE AGOSTO DE 1953

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 6 4729

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL
Rua 14 de Outubro, 342--VILA NOVA DE GAIA--Telef. 710995

Reforma Cristã e Unidade Portuguesa

VIRTUDE e vantagem da mente humana é o poder aproximar factos aparentemente dispares e tirar dessa aproximação as lições que a vontade exige, a razão esclarece e o sentimento confirma.

Apareceram há pouco nas "Novidades", órgão do clero cristão vaticanista, artigos sucessivos contra os cristãos reformados, artigos recheados dos sedichos argumentos destinados a atingir várias seitas ingressadas na nossa terra, e com tais argumentos outros, de mais evidente actualidade, na aparência nascidos do susto que a Ideia Orgânica (ainda pouco mais do que ideia) da Igreja Lusitana está provocando. O fulcro dos seus doestos é a quebra de unidade nacional atribuída às "missões" do Protestantismo.

Permita-se-nos lembrar que "missões" as têm tido em Portugal, através de séculos, Dominicanos e Franciscanos; e se se quiser afirmar que estes, subordinando-se ao bispo de Roma como Sumo Pontífice ou

primaz geral, não quebram a unidade da Igreja, perguntaremos porque então tantos franciscanos foram outrora vítimas dos seus confrades, na Europa medieval. E não esqueçamos que quando a "Religião de S. Francisco" foi aqui introduzida, o povo a recebeu à pedrada. Mas as missões perduraram por essas aldeias fora. Houve mal nisso, na opinião romana?

Quando a Igreja Anglicana patrocinou há tempos uma vasta missão "re Cristianizadora", ninguém, que saibamos, viu nisso quebra da unidade nacional na Grã-Bretanha.

E a propósito: se as minorias religiosas nos países papistas quebram a unidade, que acontece com as minorias papistas nos países da Reforma? "Dois pesos e duas medidas são abominação diante do Senhor", disse o Salmista.

Também aquele nome de "protestantismo" é apresentado como espantinho, porque com malícia se lhe ligou sentido falso. Mas adiante, que há mais para dizer.

SUMÁRIO DO N.º 29

Reforma cristã e unidade portuguesa . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . .	3
Dois incidentes que são duas lições . . .	4
Sermão de cinco minutos, A. F. Arbiol . . .	6
Carta aos Fieis da Paróquia do Salvador do Mundo	7
Respigos: A Nova Heresia . . .	8
Na Seara . . .	9
Lusogramas . . .	10
As "Novidades" e a tolerância evangélica . . .	11

Corrida está essa lebre, e para outra vez a correremos de novo.

Contra a letra expressa da Constituição Portuguesa e contra o espírito prudente e sábio dos nossos governantes, empenhados em manter a paz interna a todo o transe, pretendem os guias do Catolicismo Romano reacender a luta religiosa como há séculos existiu, no bafio dum ambiente que o Épico incomparável definiu como "uma austera, apagada e vil tristeza". Vão tão longe como isto: incitam à perseguição, insinuam caluniosamente, como sendo inimigos do Estado, aqueles que constantemente e sinceramente, em língua inteligível ao povo, conforme o ensino de S. Paulo, rogam a Deus pelas autoridades; e cujos prégadores exortam à ordem, à obediência, à disciplina!

Mas... virtude e vantagem da mente humana, diziamos de começo, é o poder aproximar factos aparentemente dispaes... Ainda mal secura esta suja tinta de imprensa que se usa agora nos quotidianos, quando as parangonas nos anunciam a vergonhosa duplicidade do chefe da União Indiana, Neru, o proclamador hipócrita da paz e fomentador astuto da conquista à mão armada de terras luso-indianas. O que está dito em todos os tons não podemos repetir aqui. O certo é que todo o coração português sangra ao pensar nos pobres camponeses indefesos que milícias mercenárias da última hora dominam e expoliam. Todo o cristão sincero e informado lamentará que parcelas do mundo protegidas, digamos assim, pela ética cristã, sejam submersas nesse mar enorme de superstição onde ainda vegetam milhões de "intocáveis" e onde as pequeninas viúvas são escravas. Basta isso, entre tanto o mais que haveria para dizer!

Entretanto, o leitor já notou que, ao falar-se da Índia Portuguesa se nota, e muito bem, que há ali hinduístas, muçulmanos ortodoxos e ismaelitas, e católicos-romanos, sem que a unidade nacional seja quebrada naquela sagrada parcela de Portugal? E se houver jainistas, ou parses, ou judeus ou cristãos reformados, já se quebrará essa unidade?

Há pelo menos setenta seitas no Islame. Perguntará o nosso governo aos seus delegados a quais delas pertencem os muçulmanos de Portugal? Divididos estão os budistas, como aliás estão algumas das ordens religiosas da Europa. Será forçoso que se indague burocraticamente a

que escolas pertencem os budistas de Portugal?

A unidade nacional deverá basear-se num alvo comum e numa tradição comum, diz-se, e muito bem. E já estamos ouvindo palmas irónicas, de aplauso pelo nosso acatamento das tradições. Mas onde começam e onde param elas? Não têm elas consigo um elemento de reforma ou depuração? Não o faz de algum modo, e bem evidente, a Cúria Romana?

Puro artifício é datar a tradição nacional do príncipe borgonhês D. Henrique, criatura da Ordem de Clúnia, a quem muito devemos. Antes e depois dele tivemos tradições, adversas entre si. São tradições nossas a mourisca, meio-pagã e meio-islâmica, a ariana herética, a cristã cismontana, meio-cismática. Mas a história **ad usum delphini** cala o que não convém dizer.

Ora se a luta sectária se reacender entre nós, essa luta tão triste e por vezes tão estúpida, continuará a nossa Igreja Lusitana suplicando em público e unísono que Deus reforme os abusos, apague os ódios e una as fendas que ofendem a Sua magestade. E se dessa luta resultam distúrbios, martírios como os de Colômbia, calúnias como as que estamos vituperando, então decerto os nossos Magistrados terão ocasião de intervir, para ressaltar a dignidade da Pátria.

Por nossa parte queremos confiar nos desejos de justiça e no conceito de Medida e de Ordem, medida humana e ordem social, que animam quem nos governa. Mas julgamos dever nosso defender-nos das acusações que nos são feitas, naquilo em que as achamos injustas.

Da emissora de Goa nos falaram, pelo menos uma vez, no último dia de Julho, em "protestantes" partícipes do grande câro de repulsa pelos atentados de Dadrá e Nagar Aveli (e não ouve corte na retransmissão, felizmente). E já se vai citando por aí a unidade nacional que existe a despeito e além das diversas religiões. Mas as "Novidades", essas continuarão merecendo ser crismadas em "Antiguidades", ao ver ultrapassada a sua sarrazina.

"Somos cristãos", como dizia nobremente o senhor Governador Geral do Estado da Índia, para assim negar a acusação de torturas infligidas a presos. Nós também "somos cristãos", e com essas duas incisivas palavras condenamos a guerra de iniciativa, como a fizeram os Papas nos dias

PARECE que o vento frio vindo das bandas da Rússia fez estalar o yerniz adquirido à pressa pelo sr. Neru, numa Universidade inglesa, num curso de Direito que aliás ele desdenha. Filho da selva onde se adoram vacas e se deixa morrer de fome o rebanho humano, dá mostras de ser um parasita do grande Gandi, cujo ideal não soube assimilar. Fala melhor o inglês que qualquer das numerosas línguas desse subcontinente, que nunca pôde ser uma Nação. Nunca soletrou o Evangelho, que o civilizaria, e decerto só conhece de vista as centenas de milhares de versos da epopeia religiosa hindu. Quase poderíamos afirmar entretanto, que leu o "Príncipe" de Machiavello e o "Mein Kampf" de Hitler. Combate o "colonialismo". É possível que confie numa incompreensão do problema, da parte dos nossos amigos da América do Norte. Ora também é possível, concedamos, que na Europa haja ainda por vezes, um espírito "colonialista", isto é, de prolongação duma protecção estranha, quando já desnecessária (não é o nosso caso, como se sabe); mas do que não há dúvida para nós, aqui na Europa, é que nos Estados Unidos ha muitas vezes um espírito "colonial", isto é, não amadurecido na compreensão total dos factores, num dado assunto de sociologia. A um comentarista do "New York Times", que parece ver a possibilidade duma afronta na existência duma província portuguesa no subcontinente indiano, dá vontade de perguntar se será uma afronta para os índios que restam nas "reservas" da América do Norte, a existência da grande Nação de "rostos pálidos" que ali se implantou há poucos séculos. A "gracinha" da designação de Goa como mera sepultura de S. Francisco Xavier, que os sequazes do sr. Neru saberiam respeitar, no dizer do mesmo jornalista, se lhes entregassemos os nossos irmãos da Índia, não é mais que um chiste de gosto duvidoso. Todas as províncias de Portugal são sepulturas dos seus heróis e dos seus santos, mas também são lares dos que herdaram o seu mandato. Não se dá por ventura o mesmo na América? Goa é o lar dum povo luso-indiano, diferente dos povos que fazem segregação racial. Nós, Portugueses da Ásia ou da Europa, temos, nesse sentido e noutros, algumas lições a dar ao mundo.

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Graças a Deus porque há muitos anglo-saxónios que o compreendem, e sabem que "a justiça eleva as nações".



O último inédito de Teixeira de Pascoais, inserto no n.º 3 de "O Cronista", contém esta frase: "Sem uma constante moral não podemos saber se existimos, pois a pessoa escapa-se da nossa auto-observação, como qualquer coisa de vago e ondulante. Temos de crer ou no Demo, como eu, ou em Deus, como o padre Cruz". Temos, em face destas palavras, leves mas perigosas, de reunir como poetas do Demo, Junqueiro, Arriaga e Pascoais: o primeiro que se lhe aliou no combate à expressão da fé, e no fim confessou que se excedeu; o segundo que, em palavras sonoras, afirmou que se lhe deveria erguer um monumento, por ter sido o introdutor da ciência (assim interpretava a lição do Génesis!), e o terceiro que, quase no fim, e no seu último escrito, se declara seu crente, tal como o padre Cruz era crente em Deus... Onde o orgulho mental leva os homens, Deus nosso! E ainda no mesmo fragmento testamentário, diz Pascoais: "O primeiro choque entre cesarismo e a república trouxe o Cristianismo: essa forma mitológica do comunismo". Haverá ainda quem com sinceridade queira comparar um movimento que procura a felicidade colectiva matando e aquela que a procurou e procura morrendo? Cristo salva — na Cruz. Os mártires testemunham, nas chamas e nas fauces das feras. Que termo de comparação há? A busca da felicidade? Essa todos a buscam sem jamais a acharem, por si.



O Rev. Haroldo H. Cook, que há mais de quarenta anos trabalha no Brasil e é hoje o secretário geral de estatística da Igreja Presbiteriana daquele país, envia-nos palavras de apreço por estarmos aqui em bom entendimento com as igrejas da sua confissão; e promete obter para nós o esforçado órgão "O Puritano" como de facto obteve. Dá-nos as notas estatísticas da sua Igreja na grande nação irmã, referentes ao fim de 1952, decerto as mais recentes. São membros comungantes 69.599, e não-comungantes 55.939, inscritos em seis sínodos e 30 presbitérios, servidos

por 297 ministros, 11 licenciados, 87 candidatos ao ministério, 14 evangelistas leigos. As igrejas são 371; havendo mais 577 congregações de igrejas, 69 congregações presbiteriais; e ainda 27 escolas de ensino geral, 1802 pontos de pregação. Há 1.088 escolas dominicais com 5.412 classes, 7.505 dirigentes e professores e 79.369 alunos. 490 sociedades femininas têm 16.905 associadas e 840 outros agremiados de vários géneros contam 25.567 membros. 716 edifícios de culto, 137 residências pastorais e 368 outras propriedades representam um valor de cerca de 147 milhões de cruzeiros. E regista-se que não são completos os informes oficialmente obtidos. Deus abençoe este grande esforço de evangelização.

Comemorou a União Sul-africana o 50.º aniversário da morte de Paulo Kruger, o incluído presidente da República do Transval, hoje incluída naquela progressiva nação. Foi um cristão sincero e simples, este Homem, grande em muitos aspectos da sua vida. Kruger faz-nos lembrar com saudade os dezasseis anos do director desta revista, que, cheio então de entusiasmo pela pequena república, que enfrentava um grande Império, usou a música de Catarina Van Rees, do hino do Transval, para a letra que tem o número 591 da colecção de "Salmos e Hinos". Esse hino ainda hoje é cantado por muitos jovens, pois a música traduz com felicidade certos sentimentos que são inerentes á alma portuguesa: uma decisão sem crueza e uma seriedade sem desfalecimento.

Entre a aluvião de retalhos que de cada vez temos de seleccionar, pois tantos são, e necessário é **matizar** os assuntos para não maçar os leitores, aqui temos uns que, de bem diferentes procedências, vêm responder um ao outro. Os nossos diários de 6 de Junho reproduziam parte da encíclica papal "Ecclesiae fastos", onde, a propósito do 12.º centenário de S. Bonifácio, beneditino inglês da Idade Média, que serviu a unidade da Igreja sob a Sé primacial de Roma, se convida de novo os cristãos reformados a "regressarem á unidade da Igreja Católica Romana". Pois aqui temos um apontamento de já algum tempo, que lhe responde: "La Luce", o órgão valdense, diz ao Conde Carlos Lovera di Castiglione, escritor romano generosamente empenhado em ajudar

a promover a aproximação das confissões cristãs, "que é um erro crer que a cristandade não romana seja presa de grande nostalgia pela Igreja de Roma, e que os vários movimentos ecuménicos visem esse regresso". De facto o verdadeiro cristão de alvo integral regressa sempre á Palavra de Deus, de que a Igreja é a guardiã, e onde se encontra a sua credencial perante o mundo.

DOIS INCIDENTES QUE SÃO DUAS LIÇÕES

NOITE de benefício a favor do Albergue da Mendicidade, estabelecido no Palácio da Mitra, onde a Polícia de Segurança mantém 1900 pessoas arrancadas á vasa social duma terra como é Lisboa que, pela beleza, pela grandeza e pela multiplicidade de virtudes e de vícios já é bem uma cidade europeia.

O Coliseu, enorme como é — um dos dois recintos maiores da capital, regorgita de gente bem disposta a gozar um sarau que irá pela noite adiante, em números de variado gosto. Aqueles dentre a multidão que cultivam o sentimento (e são muitos na nossa terra, graças a Deus) consolam-se em pensar como tantas boas vontades se reúnem em volta da benemerência do empresário, filho dum homem de quem fomos amigo, vai para meio século; e ainda mais se regozijam ao ver e ouvir os resultados daquele esforço de assistência que, através de todas as imperfeições humanas, tem recuperado para uma vida limpa e serena algumas dezenas de seres humanos, nossos irmãos.

O povo recebe com grande carinho a actualização dos amadores do próprio albergue. Há uma disposição magnífica na heterogénea mole de gente das cadeiras da plateia como dos degraus de pinho da "Geral" ou das células discretas e meio-cómodas dos camarotes. E entra-se então na primeira parte do programa, com a audição do excelente grupo orfeónico masculino da Covilhã, regido por um sacerdote, o P. Mateus das Neves, que se apresenta com uma dignidade e uma capacidade merecedoras de justo louvor. Sucedem-se os números folclóricos até uma Avé Maria de Arcadelt, com aplausos comedidos e

alguns pequenos sinais de desaprovação; mas quando surge um número mais francamente litúrgico — "Aestimatus sum", de Vitória, ouvem-se assobios de uns, que as palmas doutros cobrem, mas cuja discórdia deixa certa impressão de mal estar. Cresce o ruído dissonante, como se fôra trecho de música moderníssima; e o rev. regente, sempre digno e correcto, corta os dois últimos números anunciados, um dos quais do glorioso Palestrina, e substitui-os por um "Aleluia". Falam ao público os directores do sarau, fazendo sentir ao povo que "se trata de arte", que todos devem apreciar...

A arte parece ser palavra mágica, para abafar protestos dos... que diremos? Dos inimigos da música sacra? Dos anti-liturgistas? Dos adversários da Igreja dominante, ou protegida? Dos anti-religiosos?

Convém estudar o caso.

Os templos da capital, como de outras terras do país, estão-se enchendo muitas vezes. Dum modo geral, o povo português é normalmente religioso. As almas religiosas são sempre doseadamente liturgistas, mesmo as dos ignorantes que se não conhecem, nem sentem em si ou nos outros o fenómeno religioso. A música bela atrai sempre as almas, seja sacra ou profana, clássica ou romântica, nativa ou exótica. O que fica, pois, é isto: uma boa parte da população portuguesa, porventura a maioria, aceita qualquer situação pacífica, desde que a deixem contar anedotas e rir com elas bonacheironamente; mas no seu íntimo revolta-se com a imposição dum credo. E Roma não ganha nada, se liberta o cão de São Domingos com o archote nas fauces. Há um lusitanismo cristão de muitos séculos que se estratificou socialmente num cristianismo português, com virtudes e defeitos, mas aceitamos um espírito de reforma com que podem eliminar os defeitos.

Os protestos um tanto grosseiros do Coliseu, a que nós próprios respondemos com aplausos, tem a sua explicação nesta revolta íntima. **Dê-se** religião ao povo, mas **não se imponha**; e todos, notai bem, todos lucraremos.

Este incidente de há dias trouxe-nos à memória um outro, que já tem bastantes meses, e se passou numa sala de cinema lisboeta, onde Frei Diogo Crespo foi comentar um filme de Sicca, "A Porta do Céu", magnífico, por sinal, como equilibrada apologia dos "milagres" que hoje se anunciam (que se anunciam num e noutro

campo da cristandade, notem os leitores). Aí o público era como se costuma imaginar, "escolhido" "intelectual", "smart" ou de "élite". Frei Diogo, que se apresentou com seu hábito e seu cordão franciscano, foi elegante, convincente, eloquente na forma, e cristão e humaníssimo na essência. A ninguém poderia incomodar a sua discreta, vibrante e agradável alocução. Pois, senhores, foi pateado!

Foi pateado porquê? Por ser católico? Salvo excepções, quem o não é? Por ser clérigo? Não vemos outros sinais públicos, e felizmente, de ataques ao clero. Até já alguns frades mais ousados se atrevem a aparecer nas ruas com a sua indumentária tradicional, apesar de se saberem impopulares. Quanto a nós houve elementos que quizeram manifestar a sua animadversão pelo que entendiam ser "propaganda" de credo que não seguem, alardo de conquistista completa do meio social em que vivemos: como que mais um selo na carta de posse da sociedade. No fundo, o mesmo ímpeto revelado no Coliseu dos Recreios.

Sossego, sim, todos o aceitam. Não somos balcânicos nem mesmo irlandeses. Mas, em religião, depois do pesadelo estrangeiro da Inquisição, depois da falência moral das ordens religiosas que tanto fizeram, aliás, em tempos aureos, pela organização pátria, o instinto colectivo do Português requiere liberdade, mesmo não conhecendo o lema do Apóstolo. "Onde está o espírito de Deus, aí há liberdade", ou as palavras do próprio Divino Mestre: "Se o filho de Deus vos libertar sereis verdadeiramente livres.

(Conclusão da pág. 2)

da Reforma, com a preocupação doentia do mando universal (ainda que as velhas "Novidades" acusam as vítimas por elas se terem defendido!). "Somos cristãos", e por isso, ao entrar na posse da magnífica herança cristã, procuramos limpa-la do lixo dos séculos: incompreensão fanática, regressos supersticiosos, excessos de zelo sem amor, concessões de amor sem justo zelo.

"Lodo de cisternas" temos nós! "Que audácia"! Quem busca a pura linfa no Evangelho de Cristo? Quem submete a tradição, respeitável como tudo que é cristão e variável como tudo que é humano, à Pedra de Toque dos Santos Textos?

Deus vos perdõe a aleivosia e a nós nos perdõe a indignação.

NO ÁTRIO

Calendário do bimestre

- 15 a 18 de Setembro: *Têmporas de Outono (jejum e oração pelo clero e pelos candidatos a ordens).*
- 21 de Setembro: *Dia de S. Mateus Apóstolo.*
- 29 de Setembro: *Dia de S. Miguel Arc. e de todos os anjos.*
- 18 de Outubro: *Dia de S. Lucas Evangelista.*
- 28 de Outubro: *Dia de S. Simão e S. Judas, Apóstolos.*
- 31 de Outubro: *Vigília de todos os Santos.*
- 14 de Outubro: *Aniversário da Igreja de Cristo Remidor, Alcacer do Sal.*
- 29 de Outubro a 1 de Novembro: *II Congresso da Igreja Lusitana: em Vila Nova de Gaia e Porto.*
- 31 de Outubro: *Festa da Reforma Religiosa. Por esta época, desde o S. Miguel, celebram-se as Colheitas, com Graças a Deus.*

..

NA NAVE

Sermão de Cinco Minutos

Pelo Rev. A. F. Arbiol

Mete a tua espada na bainha.

S. João 18 - 11

A Paz de Deus seja convôscos.

Destas palavras brotam a flux lições úteis para todos os crentes. Nosso Senhor Jesus Cristo, que sempre fez sômente o bem, não poderia deixar Pedro fazer uso da espada, mesmo que fosse em sua defesa. Deixou, contudo, que ele a tirasse da bainha, para que se cumprisse a profecia em Isaías 53-12. "E entre os malfeitores foi contado". Pedro, julgando intimidar os que vinham prender o Senhor Jesus, investe num gesto rápido contra o primeiro que lhe aparece e corta-lhe a orelha direita. Jesus, terna e carinhosamente, cura o ferido e, em vez de animar Pedro e os outros discípulos a manter a luta, diz-lhe: "Mete a tua espada na bainha"; e entrega-se, sem resistência, aos seus inimigos. Nosso Senhor Jesus Cristo não quer, ainda hoje, que os seus servos, para O defenderem, maltratem ou molestem, por actos ou palavras, aqueles que, não o considerando seu Salvador, nem o amando, O ofendem e dêle blasfemam. Não há meio menos eficaz de atrair para Cristo os que atacá-los rudemente, sem o respeito e carinho que deve caracterizar o verdadeiro cristão. S. Paulo em Efeso, onde se prati-

cava o culto a Diana, em vez de censurar os idólatras, fala-lhes de Nosso Senhor Jesus Cristo, e com tanta insistência lhes anuncia a salvação por seu intermédio, que pouco a pouco, se convencem que Diana nada pode fazer por êles, o que contribui para que ela vá caindo no esquecimento. A diminuição do interesse e da fé na deusa reflecte-se, de forma assustadora, no livro de encomendas de Demétrio, famoso fabricante de ídolos de ouro e prata e considerado industrial no ramo da iconografia. À maneira que Cristo entrava nos corações dos que ouviam Paulo, Diana saía das suas casas. Se Paulo quizesse vencer a idolatria à espada, nunca o teria conseguido, porém usando argumentos suaves mas persuasivos, vence, porque convence do poder redentor de Jesus Cristo e do Seu amor pelos que n'Ele confiam. De facto, como já disse, à maneira que Cristo entrava nos lares, saíam dêles os ídolos. O Deus verdadeiro não pode estar onde estão os deuses falsos. Os filisteus, tendo conquistado a arca aos judeus, levam-na para o templo de Dagon, o deus nacional daquele povo; mas este cai e desfaz-se em pedaços. (I. Sam. 5-3, 4). O grande "EU SOU" não divide a sua Soberania e potência com os que não são. Podemos dizer assim: O "EU SOU TUDO" não divide a sua soberania e onipotência com os "OS QUE NÃO SÃO NADA" (Exodo 3:14. De facto, o melhor sistema de prêgação é o que foi adoptado pelo apóstolo S. Paulo. Cristo era sempre o assunto principal das suas conversas e é ainda hoje o alvo das suas epístolas. Nunca nenhum ideal triunfou por ser imposto com agressividade ou violência. Há uma espada que fere mais do que a de Pedro e da qual os servos de Deus se não devem servir — a maledicência. O maldizente opera geralmente mais por hábito do que por má intenção. Corrigir-se-à, pois, facilmente guardando silêncio, o que corresponde a dizer que tem a espada na bainha. A palavra de insinuação ou maldade, contida a tempo, é nossa escrava; uma vez pronunciada, somos nós escravos dela. O servo de Deus não deve ter pressa de acusar ou dizer mal de alguém. Deve antes lembrar-se que, quando estende a mão a apontar para alguém, com essa intenção, tem nessa mão um só dedo a apontar para os outros e três a apontar para si. Reparar nesse pormenor é recuar a mão e tratar de corrigir as próprias faltas, para depois, sem espírito de vaidosa superioridade, ajudar a corrigir as dos outros. Foi isto que nos ensinou o Senhor Jesus por meio destas palavras: "Tira primeiro a trave do teu olho, e então iudarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão". (S. Lucas 7-5).

A M E M.

Macieira de Cambra, 12 de Agosto de 1954

CARTA

AOS FIEIS DA PARÓQUIA DO SALVADOR DO MUNDO DA IGREJA LUSITANA, CATÓLICA APOSTÓLICA, EVANGÉLICA, para ser lida, durante a Oração da Manhã do Domingo 15 de Agosto de 1954, por ocasião do conflito entre PORTUGAL E A UNIÃO INDIANA.

Meus queridos irmãos :

A paz de Deus, que temos em Nosso Senhor Jesus Cristo, seja com todos vós.

Lamento que, neste domingo, eu esteja impedido de dirigir, na nossa amada igreja, o culto e as preces a Deus.

Queria concentrar a vossa atenção nas horas difíceis que a Pátria atravessa, e falar-vos do dever (que nos assiste como cristãos lusitanos, fieis à Cruz de Cristo e às quinas de Portugal) de orarmos para que, no actual conflito "que nos é imposto pela União Indiana", venha a triunfar a Justiça em que assenta a nossa posição — como firmemente cremos — e também para que o Espírito Santo possa iluminar as inteligências e robustecer os corações dos chefes nacionais, a fim de continuarem a interpretar e defender os interesses portugueses por forma digna das nobres tradições que herdamos dos nossos honrados e valentes maiores.

Como não posso estar convosco, vos escrevo esta carta.

Ultrapassados vão os tempos em que as nações, em conflito com outras, sempre presumiam ter Deus do seu lado (como se Deus fosse coisa mobilizável) e isto, sem cuidar da justiça da posição tomada na lide.

Hoje, entre povos civilizados, não é mais assim. Despertou a consciência da moral internacional, e nós só nos poderemos dirigir a Deus, implorando a sua protecção para os nossos inte-

resses, se nos convenceremos, primeiro, de que, à luz da sua inalterável Justiça, eles são válidos.

No presente conflito, em que já há sangue derramado, nós, os portugueses integrados no conceito de Pátria, afoitamente, poderemos dizer, após meditada análise dos problemas em causa, estarmos do lado da Justiça. Opomo-nos a que nos seja tirada, mediante artifício fraudulento, e contra a vontade **ABUNDANTEMENTE EXPRESSA**, da sua população, uma parcela do território nacional, onde se praticaram feitos navais, militares e religiosos que constituem das mais belas páginas da nossa história, e são orgulho legítimo de todo o português.

Não hesitamos, pois, em pôr a nossa causa perante o Trono da Graça, crentes de que sairemos triunfantes desta divergência.

Os nossos antepassados foram à Índia com a Cruz marcada nas suas caravelas; e se é certo que, por vezes, utilizaram métodos condenados pela ética moderna, mas permitidos pela do seu tempo, não menos certo é que sempre os seus corações foram animados pela fé cristã, e, por eles, foi servido Deus realizar na Índia obra notável de expansão do seu santo Reino.

O cristianismo de nossos avoengos carecia de reforma, mas nem por isso deixava de ser real cristianismo. Francisco Xavier e João de Brito são estrelas brilhantes no firmamento da Igreja Universal.

Portugal formou-se na Índia ao serviço de Deus. Portanto, em Deus confiaremos. As Sagradas Escrituras nos ditam a palavra de fé :

"SENHOR, TU NOS DARÁS A PAZ, PORQUE TU ÉS O QUE FIZESTE EM NÓS TODAS AS NOSSAS OBRAS". (Isaías, 26:12).

Orai, fervorosamente, como vos pedi. Lembrai-vos dos nossos soldados e dos nossos irmãos que, lá na Índia, estão sofrendo as trágicas consequências desta anómala tentativa de exploração.

Para tal efeito vos envio uma oração, que fareis após a leitura desta carta.

... ..

Abençoe-vos Deus,
Nosso Senhor.

Daniel de Pina Cabral

RESPIGOS PAZ CONFSSIONAL

UMA sociedade personalista, podem viver pacificamente o crente com o incrédulo, e os crentes de todas as religiões entre si.

A paz consiste em regeitar toda a escravatura (a **espiritual inclusive**) e em tornar o homem amigo do homem.

Ora a sociedade personalista faz desta paz o fundamento da sua própria existência.

Todos os que a aceitam podem, portanto, entender-se.

Ora, crentes e descrentes e fieis de todas as religiões, antes de insistir sobre o que os separa, e que é de ordem distante, podem reconhecer o que cai imediatamente sob a sua experiência: nós todos somos homens e infelizes mortais que achamos mais alegria no amor que no ódio.

As pessoas que descobriram o seu eu profundo não têm dificuldade em compreender esta benevolência universal.

Mas há uma multidão daqueles cuja certeza é feita de ausência de contradição. Vivem no seu eu social ou superficial. Ou não se põem problemas religiosos, porque a sociedade é indiferente aos mesmos; ou, se os põem, não têm repouso senão querendo forçar os outros a pensar como eles: nesta última categoria se colocam os fanáticos.

Cónego Fernand Boillat

La Société au Service de la Personne, pág. 159

(Traduzido pelo Rev. Dr. Daniel Pina Cabral)

A NOVA HERESIA

Nesta ocasião em que tantas Igrejas em todo o mundo se aproximam numa maior unidade, e vão dar expressão a essa unidade na Segunda assembleia geral do Concílio Mundial das Igrejas, em Evanston, é triste verificar que se levantam vozes cristãs em oposição e condenação do movimento ecuménico.

Não nos referimos agora à voz da Igreja de Roma. Embora seja muito lamentável a impossibilidade daquela Igreja cooperar activamente com o Concílio Mundial, a sua atitude é pelo menos lógica e merece respeito. O que nos parece muito ilógica é a atitude daqueles funda-

mentalistas militantes, no lado oposto da escala eclesiástica, que ruidosamente prégam uma doutrina de "separatismo" em face de todo e qualquer movimento para a unidade das Igrejas que tenha lugar em nossos dias.

Este modo de ser não é apenas apanágio das seitas religiosas da América, embora, como era de esperar, seja nelas que ele se encontra de forma mais chocante. Esta atitude encontra bastante apoio em alguns meios protestantes mais extremistas, mesmo na Igreja de Inglaterra. Certo ministro do norte de Londres classificou o Concílio Mundial das Igrejas como "essa nova torre de Babel, esse deus ecuménico... um grande monstro, semelhante a navio em mar encapelado, sem capitão, nem leme, nem bússola"... Até a Aliança Evangélica, que é geralmente considerada como representante daquela corrente mais larga e equilibrada da opinião evangélica, não pode ir mais longe do que tomar uma posição de "neutralidade benevolente" em relação ao Concílio Mundial das Igrejas.

Que é que está por detrás desta atitude de hostilidade, de suspeita e de desconfiança? Pura e simplesmente isto — o receio de que o movimento ecuménico não seja "são". O Concílio Mundial das Igrejas é considerado como uma super-igreja feita por homens, que não se importa muito com a doutrina cristã, que rejeita a autoridade das Escrituras e dos "Credos" e que tolera essa espécie de erro chamado "modernismo". E o "argumento" aduzido para justificar a atitude a que nos referimos, é um versículo da Bíblia, o qual, no que lhes diz respeito, decide a questão de modo definitivo: "Sai do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor, e não toqueis nada imundo".

A grande palavra deles é **separação**. A coisa que a todo o custo deve ser evitada é o **compromisso**. A prova a ser feita a todo o movimento do Espírito é **ortodoxia**. E porque, segundo a maneira de pensar desta gente, o movimento ecuménico não suporta esta prova... não pode ser fruto do Espírito e deve ser obra do diabo. Portanto cooperar com ele ou mesmo ter uma atitude benevolente para com aqueles que o apoiam, é ter comunhão com as obras infrutíferas das trevas. Ora o dever do verdadeiro filho de Deus é claro: "Sai do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor".

Esta atitude separatista, constitui tal afastamento do ensino do Novo Testamento sobre a natureza e unidade da Igreja, que deve ser condenada como uma das novas heresias dos nossos tempos. No fundo, é inspirada por uma doutrina falsa acerca da Igreja visível. Seria talvez mais exacto dizer que é baseada sobre a ausência de qualquer doutrina a respeito da Igreja visível. As pessoas que a tomam, estão obcecadas por tal concepção de "Igreja invisível" que os habilita a desprezar todos os esforços tendentes a levar a cabo a união exterior entre as Igrejas, como despropositados e falhos de realismo. Apenas se interessam pela unidade espiritual entre crentes individuais. Continuam a illusória busca da Igreja "pura" e erradamente identificam unidade com uniformidade.

Pode parecer estranho que um movimento que dá tão exagerada importância à ortodoxia seja ele próprio um propagador de heresia. Todavia isto deixará de nos espantar tanto, se nos recordarmos que por "ortodoxia" eles não querem dizer lealdade à fé comum e histórica aceita pela Igreja Católica desde o princípio até aos nossos dias; para eles, ortodoxia é a adesão rígida ao seu próprio e arbitrário padrão de doutrina, incluindo, por via de regra, determinada teoria particular da inspiração da Bíblia (e de certa tradução, de preferência...). Aqueles que aceitam estas ideias são considerados ortodoxos, ou são na fé; os que têm a desdita de discordar deste ponto de vista, são imediatamente condenados como heterodoxos. E como aqueles que discordam, constituem a grande massa de cristãos professos de todas as Igrejas históricas da Cristandade, segue-se que estas devem ser excomungadas como culpadas de heresia.

Duas coisas ficaram por dizer à guisa de comentário, sobre esta trágica deformação do Cristianismo, como ele nos é apresentado no Novo Testamento.

A primeira, é chamar a atenção para a futilidade da ortodoxia, sob o aspecto de formulas teológicas, quando divorciada de caridade cristã, tolerância e bom senso. Ao fim e ao cabo, a pureza de doutrina não é salvaguardada por credos ou confissões, mas por homens e mulheres vivos, os quais sustentam eles próprios a fé e manifestam o poder e verdade dela nas suas vidas.

Era a isto que João Wesley se referia quando declarou ligar pouca importância à ortodoxia.

O segundo comentário que queremos fazer, é lembrar que toda a heresia dá ênfase a determinado aspecto da doutrina cristã que foi negligenciado, e constitui um estímulo para a Igreja. O **separatismo**, vem-nos salutarmente recordar de que a comunhão do Evangelho apenas pode existir baseada na fé do Evangelho. A doutrina tem importância, e unidade a qualquer preço, não é ensino do Novo Testamento. O nosso Livro de Oração tem certamente razão ao ensinar-nos a pedir a Deus que inspire continuamente a Igreja Universal com o espírito de verdade, união e concórdia... "e que todos os que confessam o Teu santo Nome concordem na verdade da Tua santa Palavra e vivam em santa caridade".

Do "Church of England News Paper" de 13-8-1954

Traduzido pelo Rev. Dr. Luis R. Pereira

NA SEARA

II Congresso da Igreja Lusitana

Já bastantes dezenas de congressistas se inscreveram no congresso que se anuncia para os últimos dias de Outubro e 1.º de Novembro, no Porto e em Vila Nova de Gaia. Já foram distribuídas várias das teses referidas no nosso anterior número e é de crer que nas próximas semanas, com a aproximação do sucesso, mais entusiasmo se revele. Contudo a Comissão Nacional organizadora tem todo o interesse em obter os elementos com que estructure o empreendimento o mais cedo possível.

Podemos já informar que teremos importantes comunicações vindas de fora do Continente.

Campanha contra o analfabetismo

Sem alarde, sem auxílio e sem prémios, o nosso amigo sr. Manuel de Sousa Campos promoveu um curso nocturno que foi além de simples aprendizado das primeiras letras, levando a exame do 2.º grau 4 alunos, que foram todos aprovados, tendo-se portado brilhantemente nas provas. De 5 examinandos do ensino primário elementar teve 4 aprovações, lamentando o professor que a única reprovação fosse de quem mais sabia, e foi vítima do seu temperamento nervoso. É digno de imitação este esforço, filho dum grande desejo de ser útil aos outros, fornecendo-lhes os meios de melhor triunfar na vida.

LUSOGRAMAS

— Uma campanha intensa se projecta nos Estados Unidos com o fim de desmascarar "a falsidade da propaganda intelectual do comunismo russo". Oxalá ela inclua, como elemento preponderante, o combate ao egoísmo hipócrita de falsos cristãos, de qualquer escola, perante o qual se tornam improficuas tantas campanhas bem intencionadas. "O amor do dinheiro é a raiz de todos os males", disse e diz ainda S. Paulo.

— Definições: Para Bonald "um deísta é um homem que ainda não teve tempo de se tornar ateu". Para Bossuet o patentista era aquele para quem tudo é deus... menos Deus! Está certo.

— "A Voz" desta vez (em 12 e 16 de Julho) foi só um eco ou uma voz de segunda mão: o eco das "Novidades", o jornal officioso do clero, e da "Brotéria", revista séria que por vezes se permite romper a sua norma de probidade científica, e descer da cátedra à rua sem polícia. No fundo, toda essa campanha de confusão entre o comunismo materialista e um ideal cristão respeitável, é mera intriga de sacristia, como tantas que há.

— O sr. Coronel Guggenheim, que por ano e meio foi embaixador dos Estados Unidos no nosso país, e deixa o cargo, por motivo de saúde, este mês, despediu-se por meio de um nobre documento que, como portugueses, muito apreciamos. Membro da Igreja Protestante Episcopal da sua Pátria, revelou-se um cristão tolerante e compreensivo, tanto ao ler, no dia de Acção de Graças dos E. U., a lição litúrgica das Escrituras e a mensagem do Presidente Eisenhower, como auxiliando evidente e praticamente obras sociais Católicas - romanas, v. g. as Oficinas de S. José.

— Entre as muitas palavras de apoio e de congratulação que temos recebido e muito agradecemos, contam-se as cartas de nossos colegas brasileiros Revv. Sírjo Joel de Moraes, digno secretário executivo da Diocese do Brasil Sul-ocidental, e Euclides Deslandes, Pároco no Rio de Janeiro, a quem devemos a remessa de "O Clarim", e gentil colaboração na "Ecclesia".

— A Cúria Patriarcal de Lisboa comunicou à imprensa diária que, depois de exame cuidadoso acerca de pretensas aparições da Bendita Virgem perto do Rio Maior, não reconhece como verdadeiras as afirmações vindas a público, e proíbe ao seu clero que tome parte em reuniões que se

anunciam. Nós também, depois de cuidadoso exame das Escrituras Sagradas assim pensamos de todas as aspirações de Santa Maria, e também aconselhamos às pessoas de bom senso a que esclareçam outros e os livrem de superstições.

— O "Reino dos Céus" é a Soberania de Deus, evidente nos Universos mas restringida no Homem inconvertido. Por isso se prega o Reino dos Céus. A Igreja é o conjunto dos Convertidos, que aprendem com o seu Senhor e Salvador a clamar: "Pai nosso... venha o Teu Reino!"

— Tese de Cousinet: uma federação europeia forçará os historiadores a ver em grande, a proceder por largos frescos e vastas sínteses. O "chauvinismo" terá de se atrofiar. Agora, aplicai a tese ao ecumenismo que também atrofia o sectarismo e nos faz ver em grande a Obra maravilhosa do Evangelho.

— Um novo ABC toma vulto neste mundo: o da "guerra atómica", da "biológica" e da "química" (etimologicamente **chimica**). É o ABC do diabo, ainda "príncipe deste mundo" que se serve da cultura, da ciência, do progresso, para confundir e perder a humanidade, inconsciente dos perigos, seduzida pelas paixões ou escrava das circunstâncias.

— O presidente da República de Cuba, major-general Fulgêncio Baptista y Zaldívar condecorou com a comenda da Ordem Nacional de Mérito o Bispo da Igreja Episcopal de Cuba Revmo. Alexandre Hugo Blankingship. Assim informa em Julho deste ano "La Bíblia en America Latina".

— No antigo Casino de Sintra, lugar de futilidades passadas, acabamos de ver uma exposição de plantas que nos encantou pelos magníficos exemplares da natureza sintense—begónias, cólhos, gloxínias, fetos, buxos, quências, avencas—toda uma profusão vegetal disposta com verdadeiro amor e sentido de beleza, tudo que nos faz elevar um hino de louvor davidico e de alegria franciscana pelo que o "irmão Sol" a "irmã Água" e a "irmã Terra", com a Graça de Deus, produzem!

— Temos a impressão de que nunca os mentores dos povos viajaram tanto em companhia de suas esposas como nos dias de hoje, neste meado de século. Este facto lembra-nos as solenes palavras de Eloim: "Façamos a Adão um adjutorio, que esteja como que diante dele". Também no ministério cristão a esposa do pároco, reitor ou capelão é um auxiliar precioso, desde que casaram "no Senhor", como ensina S. Paulo.

As "Novidades" e a tolerância evangélica

MÃO amiga me enviou há pouco as "Novidades" de 8, 10 e 13 de Julho.

É extraordinário como nos meados do século XX e depois de ouvidas tantas vezes em seus discursos as palavras de Fé e de Concórdia dirigidas a todos os portugueses do Império, independentemente da sua raça, côr ou religião pelo grande Português e homem de Estado que é Salazar, se ouse escrever tal palavrado, mescla de insinuações, advertências, ideias intolerantes e sinais evidentes de falta de leitura do Evangelho sacrossanto de Cristo.

Como estão longe os Srs. das "Novidades" do pensamento católico hodierno, que está fazendo eco felizmente em Portugal, de Gustav Thibon, de Jacques Leclercq, de Jesus Urteaga, de Giovanni Papini e de tantos outros, de que o movimento litúrgico que se desenha é **substratum** visível e consolador. Estas atitudes, estas ideias, esta evolução que podemos, sem favor, classificar de extraordinárias, mostra bem as possibilidades que a Igreja Romana tem para uma Reforma interior, erasmiana, tão ansiosamente esperada por protestantes e por muitos católicos romanos.

Porque é que na luta contra o protestantismo que germina, que desabrocha naturalmente no nosso País como brotou em séculos passados em outros países, os quais hoje são os primeiros entre as nações civilizadas, como a Suíça, a Alemanha, os países escandinavios, a Inglaterra, os Estados Unidos da América, etc.; porque é que nessa luta os Srs. das "Novidades" não combatem as faltas, os erros que pensam existir na doutrina protestante, numa polémica aberta e elevada, sem o abuso impertinente dos remoques mesquinhos, das meias palavras, das meias tintas? Apontem-lhes esses erros, discutam-nos francamente, arrasem-nos com a força da vossa dialéctica, mas não lhes lancem pedras atrás do muro dum patrioteiro alarme.

Que ideia é essa de atirar para a massa anónima o labéu de que os protestantes "talvez", "parece", "é evidente que", sim, é possível que", "pelo menos parte" estão mesmo enleados com os comunistas! Ora esta acusação mal disfarçada, por menos verdadeira, é grave e má pelas consequências que pode excitar. Ligar um movimento

religioso sincero, puritano, fiel na sua ortodoxia evangélica, a uma revolução materialista, desordeira, na sua luta de classes, dissolvente dos sentimentos elevados da ideia de Pátria e das tradições dos nossos Maiores, é evidentemente ilógico, não tem pés nem cabeça e só mostra o desvario de seus corações.

Mas o que é deveras desnorteante é que na mesma página em que estas insinuações são feitas, na mesma página do jornal do dia 8 de Julho, vem publicada uma local, mostrando a tolerância, a liberdade, o carinho com que os católicos são tratados na DINAMARCA onde, o Catolicismo romano, apesar de ser uma pequena minoria, recebe do Estado Protestante 80 % das despesas de suas escolas. Eu não sei o que as "Novidades" pensam das escolas protestantes no nosso País. Pelos vistos desejariam talvez que fossem encerradas. Pois fiquem sabendo que numa das cidades do Norte, a sua contribuição para a instrução tem sido tal, que a população espontaneamente, num movimento de gratidão e de justiça, erigiu num jardim público uma estátua a um dos seus fundadores, presbítero da Igreja Lusitana e homem que tudo dedicou à educação nacional, quando há 50 ou 60 anos ainda poucas escolas havia. E não parece que alguém tivesse pensado que essas escolas no andar dos tempos tivessem contribuído para a degradação do nosso País...

Mas há mais. Como o epíteto de comunistas era pouco persuasivo para os leitores inocentes, que poderiam reparar serem os países protestantes os menos comunistas, vá de tocar outra tecla. O alarme das desordens e lutas religiosas. Temem, verdadeiramente confrangidos, que os fieis católicos romanos, numa reacção natural e humana, possam tirar desforço pelas suas próprias mãos e assim originarem-se desordens, lutas, o diabo!

Como é que os srs. das "Novidades", podem pôr em letra de imprensa tamanho disparate? Assim caem em descrédito, pela certa. É de aconselhar mais cuidado e menos precipitação nos argumentos que empregam. Então uma minoria ordeira, sossegada, que ora em silêncio, que prega o Evangelho de Cristo, em verdadeiro temor de Deus, numa disciplina exemplar perante as autoridades e no cumprimento rigoroso das leis de seu País, têm alguma culpa de que os outros possam não respeitá-los? Que se diria do cidadão honesto que ao dirigir-se para sua casa fôsse assaltado por um bando de revoltados que confes-

sassem terem sido provocados pela sua presença asseada e limpa? Que a culpa era realmente do cidadão por existir limpo e asseado e por ter ali passado, no caminho para sua casa? O que se pode concluir tão somente é que êsses fieis que se excedem não estão educados na doutrina de Cristo, de amor ao próximo e de perdão, tolerância e obediência à sua Igreja. O que é preciso é educá-los, corrigi-los, dirigi-los e... não desculpa-los... com antecedência...

Os tempos que vão passando não são, porém, de lutas, nem de excessos de palavras que nada adiantam. Os protestantes que amam a sua Pátria numa forma que não teme confrontos, querem em a sua singeleza um Catolicismo reformado, sem as deformações, abusos e inovações que o tempo e os homens lhe acrescentaram. E igualmente um Catolicismo Português, isto é, adaptado ao solo de Portugal, à sua étnica, às suas tradições que, transmitidas na sua pureza e não misturadas com crendices, fanatismos, intolerâncias, idolatrias e superstições, são a glória do povo português.

Do mesmo modo pensam não ser vantagem alguma a interferência do Bispo de Roma nos negócios da Igreja Portuguesa, ainda que certamente a sua pessoa seja muito respeitável para a Igreja de Itália e muito venerável pela sua primacidade num concílio de Igrejas Nacionais.

Este tem sido o pensamento de muitos dos grandes da nossa terra. A história está em parte feita. Urge fazê-la conhecer nos seus pormenores a todos os portugueses.

E é isto em suma o que se tem sempre dito desde 1880, ano em que um grupo de presbíteros, alguns saídos de Roma, organizaram este movimento de Reforma, já esboçado por muitos anteriormente, e tendõ em lembrança o passado da Igreja, quando em toda a península ela estava separada de Roma. A Igreja Mosárabe, como é do conhecimento de todos, só no século XI, ficou completamente dependente da Cúria Romana.

Para este movimento da Igreja Reformada em Portugal foi escolhido o nome de «Igreja Lusitana» por vir nele claramente explícitas as suas características nacionais. Que complicações estranhas, que confusões querem os Srs. das "Novidades" fazer com estas palavras tão claras e sinónimas entre si, Igreja Lusitana o mesmo, naturalmente, que Igreja Portuguesa?

Seja como for. A ocasião é de entendimento,

de mútua compreensão. São estes os desejos sinceros dos protestantes e de muitos católicos romanos com quem últimamente temos falado, em espírito de oração e humildade perante Deus. Ainda que bastantes concordem connosco, esperam tão somente que a Igreja Católica Romana se vá reformando por si própria, entusiasmados já com o movimento de ideais que atrás referimos, e de que muito há ainda a esperar. Deus os oiça.

Oremos, pois, por um Portugal maior. Oremos por um Portugal cristão. Oremos por uma Igreja Católica Portuguesa, una, indivisível, unindo todos os cristãos portugueses, sem ódios, como irmãos, filhos do mesmo Pai amantíssimo que nós queremos a todos reunidos numa grande família.

E porque não desde já? E porque não darmos todos as mãos, católicos e protestantes, mesmo que ainda estejamos separados organicamente em Igrejas diferentes? Porque não nos unimos espiritualmente em oração, pedindo perdão a Deus por todas estas desinteligências, por todas estas faltas de Amor?

Não nos esqueçamos da grande divisa de Santo Agostinho, "Unidade na certeza das grandes verdades. Liberdade na dúvida, no que é secundário. Caridade em tudo".

Paulo Agostinho

Cristo...

Depois do Cristo dos Andes, na grande altitude, e o Cristo do Corcovado, sobranceiro a uma grande e bela urbe, temos agora o "Cristo das Profundidades", imagem de oitenta toneladas e 2^m,5 de altura, que em 29 de Agosto foi arreada na baía de S. Frutuoso, junto ao Promontório de Porto Fino, ao Sul de Génova. Julga-se que seja com facilidade visto através das águas ali habitualmente límpidas. Serão empregados num pedestal que suporta um facho, para de longe assinalar o local da estátua, 250 quilos de bronze oferecidos pelos Estados Unidos. Resta juntar a estes e outros símbolos o "Cristo do coração humano", O que conforta os corações quebrantados, responde aos hesitantes, ampara os desolados e une os dissidentes. O facho que indica este Cristo Vivo é o seu santo Evangelho.